

gado que se podia dar neste mundo.» Colombo, que não era tolo, agarrou nesse roteiro e veio descobrir a América. *Sic vos non vobis*.

O nosso governo tratou tão de resto o pobre Christovam Colombo, que realmente parece ter dado credito a essa lenda que o pinta como um bilontra do seculo XV. Ao passo que todas as nações, nossas vizinhas, festejaram ruidosamente o grande navegador e o quarto centenario do glorioso acontecimento que o immortalizou, ao passo que a Republica Argentina lhe levantava uma estatua, o Brazil nem ao menos se utilisava do telegrapho, posto gratuitamente a disposição do governo para a troca de congratulações com os outros Estados americanos e europeus.

Uma sessão litteraria, numeros especiaes de algumas folhas com gravuras medonhas, uma corrida de cavallos que desandou em tragedia, um soneto do Sr. Generino dos Santos, escripto em todas as linguas latinas, inclusive a portugueza,—ahi está o que foram as festas columbianas do Rio de Janeiro!

Ah! esquecia-me do spectaculo do Theatro Lyrico, em que se cantou pela primeira vez um poema symphonico do nosso Carlos Gomes, intitulado *Colombo*. Essa, realmente, seria a mais bella das comemorações, se por desgraça Carlos Gomes não parecesse tambem convencido de que o verdadeiro descobridor da America era o tal Affonso Sanches. Pelo menos Colombo não o inspirou. O poema symphonico (?) foi um terrivel desastre, de que o nosso compositor se desaggravará com outra obra mais digna do seu talento e do seu nome illustre.

A quinzena teve o seu escandalo. Um medico chamado Midosi, valendo-se da sua posição em certo hospital onde se recebem a tratamento pessoas atacadas de loucura, fez passar por doida e internou no tal estabelecimento uma pobre senhora que seduzio com promessas de conjungo vobis, e com quem tinha filhos. Esse facto parecido com outros longamente explorados nas peças de Dennery e outros dramaturgos emocionaes (Deixem passar...), produziu profunda sensação; todos esperam a punição do culpado.

A policia lavrou dous tentos, descobrindo em Inhaúma, poeticamente escondida no matto, uma grande fabrica de moeda falsa, muito bem munida de todos os aparelhos modernos e mais aperfeiçoados para fazer dinheiro sem a sciencia do meu amigo Dr. Ennes de Souza.

O atilado agente de policia que se disfarçou em socio dos moedeiros falsos para surpreender-lhes todos os segredos, parece tambem sahido de um drama-lhão. Vejam as leitoras que tivemos uma quinzena eminentemente theatral.

O presente numero da *Estação*, vae ser distribuido no dia das eleições municipaes. Não posso prever o resultado d'essa batalha, porque não saio á rua sem encontrar um candidato que solicita o meu voto, nem entro em casa sem achar á minha espera uma carta contendo igual pedido! Todos querem ser intendentes municipaes... Imaginem as leitoras que só posso votar n'um nome!

Entre os candidatos alguns ha que merecem a estima de seus concidadãos; outros, porém, se apresentam ás urnas com um descaramento pasmoso... Vejo entre estes um sujeito tido e havido como um verdadeiro cavalheiro de industria. Calculem o que fará esse miliante na Intendencia Municipal!...

Causou geral consternação a noticia, que hontem correu, de ter tido um accesso de loucura o Dr. Vicente de Souza, clinico muito estimado e director do *Diario Official*. Vicente de Souza é um homem de talento, orador ardente, jornalista sincero, trabalhador, que conseguiu um aposição respeitavel na sociedade á custa de muitos esforços e sacrificios. Faça votos pelo seu restabelecimento.

A quinzena foi enlutada pelo fallecimento do primeiro artista dramatico brasileiro — Guilherme de Aguiar. E' uma perda irreparavel para o nosso theatro: Guilherme não teve quem o excedesse nem tem quem o substitua. Era igualmente admiravel no drama, na comedia, na opereta, no vaudeville e na farça; o seu talento era de uma extraordinaria modalidade. Não consta que elle compromettesse nunca uma peça desempenhando o seu papel. Muitas vezes a peça cahia, mas o papel que elle representava, fosse qual fosse, resistia sempre: cahia a peça mas não cahia o papel! Fóra do theatro era um homem estimavel, um bom amigo, de uma simplicidade e modestia adoraveis. Nunca ninguém o viu na rua do Ouvidor.

No cemiterio, quando o cadaver de Guilherme de Aguiar baixava á sepultura, o escriptor d'estas linhas pronunciou algumas palavras em que exprimio ou julgou exprimir toda sua admiração pelo grande artista que a morte acaba de roubar ao nosso pobre theatro.

Falleceu tambem o honrado pharmaceutico Eugenio Marques de Hollanda, o piauiense mais *yankee* que tenho conhecido,—famoso pelo importante laboratorio que estabeleceu na rua do Visconde do Rio Branco e pelos seus preparados, entre os quaes occupa o logar de honra a benemerita «Tintura de salsa, caroba e manacá.»

ELOY, O HERÓE.

## Guilherme de Aguiar

Que me perdôe o illustre collega da chroniqueta e da secção dos theatros d'esta revista a audacia de usurpar-lhe os seus direitos escrevendo sobre o grande homem, cujo nome encima estas linhas. Não o faço, porém, como chronista; mas como simples admirador do eminente artista tão prematuramente roubado ao nosso já tão desfalcado meio artistico.

E' uma singela e desprezenciosa homenagem que presto a quem tanto trabalhou pelo theatro, entre nós, menos pela actividade e pelo esforço, do que pelo fulgor de um talento robusto e peregrino.

Do grande morto, a quem as nossas leitoras tiveram muitas vezes occasião de admirar, pôde-se, sem receio, dizer que, se mais longe não andou, foi por que assim não quiz.

O talento extraordinario de Guilherme de Aguiar correu sempre parilhas com o seu proverbial despreendimento.

Vocação legitima para o palco, artista de raça, temperamento superior, nenhum abalo causavam ao grande actor as manifestações ruidosamente entusiasticas das platéas.

No fundo do seu camarim, no meio da multidão inextricavel de calções e jalécos, de vestuarios de reis e de lacaios, de distinctivos de fidalgos e de burguezes, reclinado a contemplar aquella longa série de farrapos que tinham uma longa historia de glorias verdadeiras e de triumphos consecutivos, a fumar somnolento o seu cigarro, Guilherme de Aguiar esquecia-se, inteiramente, de que um pouco adiante, do outro lado do panno de bocca, havia uma platéa, anciosa, frenetica, irrequieta pela expectativa do grande actor que devia reaparecer-lhe, no acto seguinte.

E esta platéa reclamava, estrepitosamente, contra os longos intervallos, porque considerava que lhe estavam roubando por muito tempo o seu actor favorito.

Estas cousas não preocupavam absolutamente o bom Guilherme de Aguiar que, cansado, reclinado na sua larga cadeira de couro, preparava talvez o *menu* da ceia, para depois do spectaculo, no convivio do Vasques, do Chico Vasques, do commendador Vasques, se o quizerem, no fundo de algum restaurant, guardanapo ao collarinho, physionomia radiante, com o cheiro das finas e apimentadas iguarias.

Nestas occasiões é que se podia apreciar-lhe o bom humor invejavel, a *verve* inexgotavel, o dito picante, o que fazia de Guilherme de Aguiar um companheiro.

Não gostava de exhibir-se muito, e a prova do que dizemos está nas suas longas ausencias da rua do Ouvidor, rua com que antipathisava solemnemente.

Restringia o mais possivel o circulo de seus amigos; mas era franco e lealmente amigo de seus amigos.

Quando lhe fallavam nos seus triumphos, nos seus extraordinarios successos, costumava deixar escapar um sorriso de suprema indiferença que traduzia perfeitamente a sua falta de ambições de gloria, de applausos, de nomeadas.

Não preciso lembrar aqui a série de papeis importantes de que foi elle verdadeiro e indiscutivel creador. Todo o publico o viu e fartou-se de applaudil-o. O que quero cumprir, como uma irrecusavel demonstração do seu talento phenomenal, é a sua força de resistencia á descahida lastimavel dos nossos theatros, onde tempos houve em que se chegou

a considerar uma utopia a possibilidade de se fazer representar qualquer cousa de real merecimento.

Na propria opereta, a que foi obrigado a descer pela necessidade de ganhar a vida, sempre se manteve correcto, puro, conseguindo os maiores efeitos com os seus naturaes dotes artisticos, sem recorrer ás pulhices de *clown* e ás caretas de palhaços.

Era artista, verdadeiro artista em todos os papeis em que se encarnava.

Se representasse em francez ou em italiano, Guilherme de Aguiar seria, incontestavelmente, uma reputação universal.

Eram estas as rudes e desprezenciosas linhas que eu desejava escrever para a *Estação* sobre o grande vulto do nosso theatro que desapareceu para sempre.

Que sirva o seu exemplo correctivo, de salutar lição aos que, tendo verdadeiro talento, esquecem de que são actores para se tornarem *clowns*, com unico e exclusivo fim de bajular a estupidez de certas platéas.

OLIVAL.

## THEATROS

Rio, 19 de Outubro de 1892.

A nova serie de spectaculos da companhia lyrica Duca e Chiacchi foi inaugurada pela execução de *Colombo*, poema symphonico de Carlos Gomes, sobre o qual não insistimos.

Cantou-se a *Favorita*, de Donizetti, em beneficio de Emma Leonardi: nenhum espectador sahio do theatro entusiasmado. Para hoje está annunciada a *Hebréa*, de Halévy, para estreia de Paulina Leoni, soprano ligeiro.

A companhia Ferrari continúa a dar representações em S. Paulo. O *Amigo Fritz*, de Mascagni, desagradou completamente, mas o *Lohengrin*, de Wagner, obteve um triumpho.

Nos nossos theatros nada de novo: o Dias Braga continúa a explorar, no Recreio, as peças velhas do seu opulento repertorio, e no S. Pedro a *Cavalleria Rusticana*, dous actos do *Ruy Blas*; no Apollo voltou á scena a *Peça de Satanaç*, com substituição de papeis; o Sant'Anna vae indo com o *Céu e o inferno*, peça que parecia não dar tres representações; no Variedades e no Lucinda continúa em scena as *Maçans de ouro* e *Tim tim por tim*. Em todos os theatros ensaiam-se peças novas. No Politeama funciona com agrado a companhia equestre Mariani.

X. Y. Z.

## NOTAS SPORTIVAS

HYPPODROMO NACIONAL

Com enorme concurrencia festejou esta distincta sociedade o seu 2º anniversario no dia 12 de Outubro e mais uma vez firmou os altos creditos em que conta desde o seu inicio, percorrendo até hoje uma estrada de flôres e colhendo os mais justos applausos de todos os sportmens que a respeitam e estimam.

A redacção da *Estação* felicitando a distincta sociedade, aproveita a oportunidade para agradecer á sympathica directoria as amabilidades que lhe tem dispensado.

Realisaram-se oito pareos, havendo em todos muita animação e lisura.

DERBY-CLUB

Escrevemos ainda sob a impressão de entusiasmo provocado pela deslumbrante e inolvidavel festa sportiva dada pelo progressista Derby-Club em comemoração do 4º centenario da descoberta da America. E' indiscriptivel o aspecto que apresentava o vasto hypodromo, ornamentado com requintado gosto artistico, cheio, repleto, desesperadoramente repleto por uma multidão de mais 20,000 pessoas que se moviam em todas as direcções, gesticulando, gritando no abandono natural das grandes expansões!

As honras do dia couberam á Coudelaria Mar Brizard, que levantou o grande premio America, com o cavallo Aventurero, obtendo ainda o 2º lugar com o bravo puro sangue nacional Guayanaz. A admirada criação paulista tambem coube grande mestrado e louros, não só pela collocação do Guayanaz, como pela brilhante victoria conquistada por Vivaz no 3º pareo em que competio com 13 puros sangue estrangeiros, tendo-os, completamente folgado, tendo, aliás, sabido mal!...

Dos sete pareos do programma apenas se realisaram seis e nelles foram vencedores:

- 1º — Guahya e Sereia.
- 2º — Alcyon e Tarantella.
- 3º — Vivaz e Connaught.
- 4º — Tenorino e Diactor.
- 5º — Aventurero e Guayanaz.
- 6º — Milano e Grão-Pará.

A esplendida festa terminou ás 6 horas, tendo havido infelizmente alguns desastres, pois cahiram os jockeys Felipe, Th. Hills e Romay, bem como um moço que imprudentemente atravessou a raia no momento em que chegavam os animaes que disputaram o grande premio. Romay ficou em estado bastante grave e o moço morreu no dia seguinte.

Triste final!

RUBEN.



## LITTERATURA

## UMA PARTIDA

## I

Posso dizer o caso, o anno e as pessoas, menos os nomes verdadeiros. Posso ainda dizer a provincia, que é do Rio de Janeiro. Não direi o municipio nem a denominação da fazenda. Seria exceder as conveniências sem utilidade.

Longe o anno; era o de 1850. A fazenda era do nome X, digamos Xavier. Boa casa de vivenda, poucos escravos, mas pouca ordem, e produção infeliz que devia dar. O feitor, que era bom a principio, «virou desmazelado», como dizia o coronel aos seus, «sem que este acabasse de substituí-lo» como eram os amigos do coronel. Corriam algumas notícias; sussurrava-se que o fazendeiro devia certas coisas ao feitor, e dahi a dependencia em que estava. Era falso. Xavier não tinha alma assassina, nem sequer vingativa. Era duro de genio; mas não ia de algumas acções duras. Isso mesmo parece que se usava nos ultimos tempos. Talvez tivesse pouca habilidade para dirigir um estabelecimento agricola; nos primeiros annos de propriedade desmentiam a supposição. Foram annos prosperos, de grande lucro e vivas esperanças.

O terceiro anno contava algumas destas; o quarto foi já decaído, e os restantes vieram melhor, ora peor, que a lavoura tornava ao que fôra. Os escravos mortos ou fugiram substituidos por outros importados de longe, meias-caras, como se dizia. Os corredeiros da antiga fazenda adeantavam dinheiro; Xavier não perdeu o dinheiro.

Quanto a perto de quarenta annos. Pertencia a antiga familia agricola espalhada pelo Rio de Janeiro, Minas Geraes e São Paulo. O pae creou o feitor; a revelia. Já na fazenda, já na capital, elle vinha muitas vezes e gastava á larga. O feitor desejava que elle fosse doutor ou bacharel em direito; mas o filho não fez nada. Quando o velho morreu, deixou-lhe a fazenda em mau estado, dinheiro nos bolsos e correspondentes sem credito, ordem sem disciplina. Xavier tinha então sete annos. Corria a côrte e já achou o feitor enterrado. Alguns dias depois do velho, que estava na fazenda, recebeu o herdeiro com provas de estima e de perseverança; mas, o moço Xavier porque elles acobardassem demasiado a principio, ou porque se dessem uns aos outros em breve tempo os seus bens. Parece que Xavier nasceu mais velho da lenda das mortes e das commetter peccado.

Já ficou dito que os dous primeiros annos foram prosperos. Como a prosperidade vinha do tempo do velho, é facil crer que continuou pelo impulso anterior. E' verdade, porém, que Xavier deu todo os seus cuidados á lavoura, e juntou o esforço proprio ao que ella trazia.

Os parentes estavam satisfeitos com a conversão do moço. Um delles alcançou-lhe uma patente de coronel da guarda nacional, e deu-lhe de conselho que tomasse para si a influencia politica do municipio. Outro, um velho tio mineiro, escreveu-lhe uma carta dizendo-lhe que cassasse. «E' indecente (concluiu a carta), que você viva aqui n'um serralho de crioulos, como se diz por aqui. Case-se; não faltam moças bem educadas e bonitas, com quanto belleza seja prenda dispensavel a uma mãe de filhos.»

## II

Quando a carta chegou ás mãos do Xavier, estava elle jogando com um viajante que lhe pedira pousada na vespera. Não abriu a carta, não chegou a examinar a letra do subscripto; metteu-a no bolso e continuou a jogar. Tinha sido grande jogador; mas havia já dezoito mezes que não pegava em cartas. O viajante que alli apparecera, entre outras aneddotas que lhe contou, metteu algumas de jogo, e confessou que «puxava a orelha da sota.» A occasião, o vocação e o

parceiro abriram o apetite ao joven coronel, que convidou o hospede a um divertimento. O hospede trazia cartas comsigo, mas não foram precisas; Xavier, posto que resolvido acabar com o vicio, tinha muitos barulho em casa.

Jogaram tres dias seguidos. Xavier perdeu dois contos de réis, e despediu o hospede com as melhores maneiras deste mundo. Sentia a perda; mas o sabor das cartas foi muito maior.

Foi na noite do primeiro daquelles tres dias que Xavier leu os conselhos do tio mineiro para que cassasse e não os achou máos. No dia seguinte de manhã tornou a pensar no assumpto. Quando o hospede se despediu, a ideia do casamento apoderou-se d'elle outra vez. Era uma aventura nova, e a vida de Xavier fôra dada a tantas, que esta devia namoral-o. Nenhuma ambição, curiosidade apenas. Pensou em varias moças, fez-se a selecção, até que adoptou a filha de um fazendeiro de S. Paulo, que elle conhecera, annos passados, com dezeseite de idade; devia ir em vinte e não lhe constava que tivesse marido.

Ao vel-a, dous mezes depois, Xavier estava longe de crer que a mocinha de dezeseite fosse aquella magnifica moça de vinte. Só mais tarde soube que ella, desde os dezeseite annos, ficára namorada d'elle. Accordos taes são proprios de novellas; nem eu poria isto aqui, senão fôra a necessidade. Parecem cousas preparadas, e, entretanto, examinando-as bem, são banaes e velhas. Esquecemo-nos de que os novelistas, á força de levarem para o papel os lances e situações da realidade, deram-lhes um aspecto romanesco.

Não houve obstaculos ao casamento. O velho tio mineiro foi padrinho de Xavier, e, dentro de pouco, tornava este á fazenda fluminense, acompanhado de D. Paula Xavier, sua consorte. Viagem longa e cançativa; foram naturalmente repousar. Descancemos nós tambem nesta pontinha de capitulo.

MACHADO DE ASSIS.

(Continúa.)

## CHRONIQUETA

Rio, 19 Outubro 92.

Christovam Colombo e Affonso Sanches.—Carlos Gomes.—O escandalo da quinzena.—Moeda falsa.—As eleições municipaes.—Vicente de Sousa.—Guilherme de Aguiar.—Eugenio Marques de Hollanda.

Dizem alguns chronicistas que o descobridor da America não foi o genovez Christovam Colombo, mas o portuguez Affonso Sanches, mestre de uma caravella que transportava assucar da ilha da Madeira para Lisboa. Colombo era estabelcido com uma hospedaria no Funchal; Sanches, sentindo-se gravemente enfermo durante uma de suas viagens, arribou a essa ilha, hospedou-se em casa d'elle e ahi falleceu, deixando ao dono da hospedaria um roeiro «que era o maior mor-



A LOJA DE BRINQUEDOS





MERCADO EM JAFFA



# O Espectaculo de Reabertura

SCENA PRIMEIRA

O DIRECTOR, O AUTOR

O DIRECTOR. — Trabalhou muito durante as ferias, eu caro mestre; não é assim? Traz-me a peça que e prometteu o anno passado? Estamos a 15 de gosto E' tempo de pensar na reabertura.

O AUTOR. — Trago-a aqui.

O DIRECTOR. — Perfeitamente. Vamos lê-la.

O AUTOR. — E' uma comedia de costumes.

O DIRECTOR. — Uma comedia de costumes! Ah! eu amigo, que diabo de idéa teve de fazer uma media de costumes. Em primeiro lugar, já não ha stumes e depois uma comedia! O publico está cansado de comedias. Ha trezentos annos que não se faz itra cousa e pede agora novidade de outro genero. O AUTOR. — Não se zangue, meu caro director. Tem m effeito razão. A comedia de costumes está um nto fóra da moda: vou transformar a minha em udevilille que é um genero mais alegre Peço só o npo de realizar esta pequena modificação e trago-lhe nmanuscripto.

O DIRECTOR. — O vaudeville! mas é peor ainda! tamos inundados de vaudevilles e todos elles se recem uns com os outros!

O AUTOR. — Não contesto o que diz e não ficaria de do algum surpreendido se o publico acabasse por

exigir espectaculos mais sérios e se o drama voltasse a occupar o seu lugar. Tenho desejos de transformar minha comedia em um bom drama. Em vez de desposar Clara, Julio cravar-lhe-ha um punhal no coração. Muitas vezes não é preciso mais para dar á uma peça um aspecto inteiramente novo. Acabarei em tres dias.

O DIRECTOR. — Sempre dramas! Representei tres dramas em dois annos e só consegui vasantes. Não ha como as peças militares para fazer carreira.

O AUTOR. — Militares, é bem possivel. Note que se, em minha obra, Julio é advogado, nada mais simples do que fazel-o capitão de artilheria. Póde-se egualmente fazer de seu creado um artilheiro e intercalar uma revista no 3º quadro. Quanto ao 4º, em vez de se passar no Palacio da Justiça, passar-se-ha no rancho. E' questão de duas horas.

O DIRECTOR. — Mas não tem observado que se tem abusado muito do drama militar? Qualquer dia destes o publico estará aborrecido.

O AUTOR. — Effectivamente é um tanto monotono.

O DIRECTOR. — Observe que o publico começa a procurar em massa os espectaculos, um pouco originaes, um tanto imprevisitos que se destacam do molde commum. O successo da pantomima é um symptoma muito curioso deste estado de espirito.

O AUTOR. — Ah! Pensa por acaso que já não cogitei disso, que já não notei este phenomeno? A pantomima! Puf! tem um futuro!... Se nos decidirmos pela pantomima é só supprimir as palavras.

O DIRECTOR. — Mas, meu caro amigo, é um principio em assumpto de theatro que não convém abusar das

melhores cousas. Quem nos garante que o successo da pantomima será tão completo este anno, como o anno passado? Duas horas a vêr gestos, sem ouvir uma só palavra! hum! E' duro... é quasi fatigante!

O AUTOR. — Ah! tenho uma idéa. Que diz de uma peça, meio comedia, meio pantomima? Uma parte dos autores fallaria, enquanto a outra responderia por gestos e por caretas. Nunca se fez cousa assim.

O DIRECTOR. — A idéa não é má; mas ha um obstaculo, exactamente n'isso. O senhor mesmo acaba de dizel-o: nunca se fez cousa assim. Conhece bem o publico; quer que lhe sirvam novidades, mas novidades que não o surpreendam, que elle já tenha visto em alguma parte, se me permite a expressão, e que não altere bruscamente os seus habitos. Ah! a profissão de director de theatro nada tem de comodo-na época que atravessamos.

O AUTOR. — Tomo a liberdade de accrescentar que não é mais commoda a de autor dramatico.

O DIRECTOR. — Sem contar, meu caro amigo, certos elementos de successo que não se deve desprezar. E' necessario que entre duas scenas appareça Yvette Guilbert para recitar algumas de suas cançonetas. Seria uma loucura hoje não se ter Yvette Guilbert em uma peça.. e não fallo das decorações. São necessarias decorações sumptuosas e animaes. Já pensou na especie de animaes que vae intercallar?

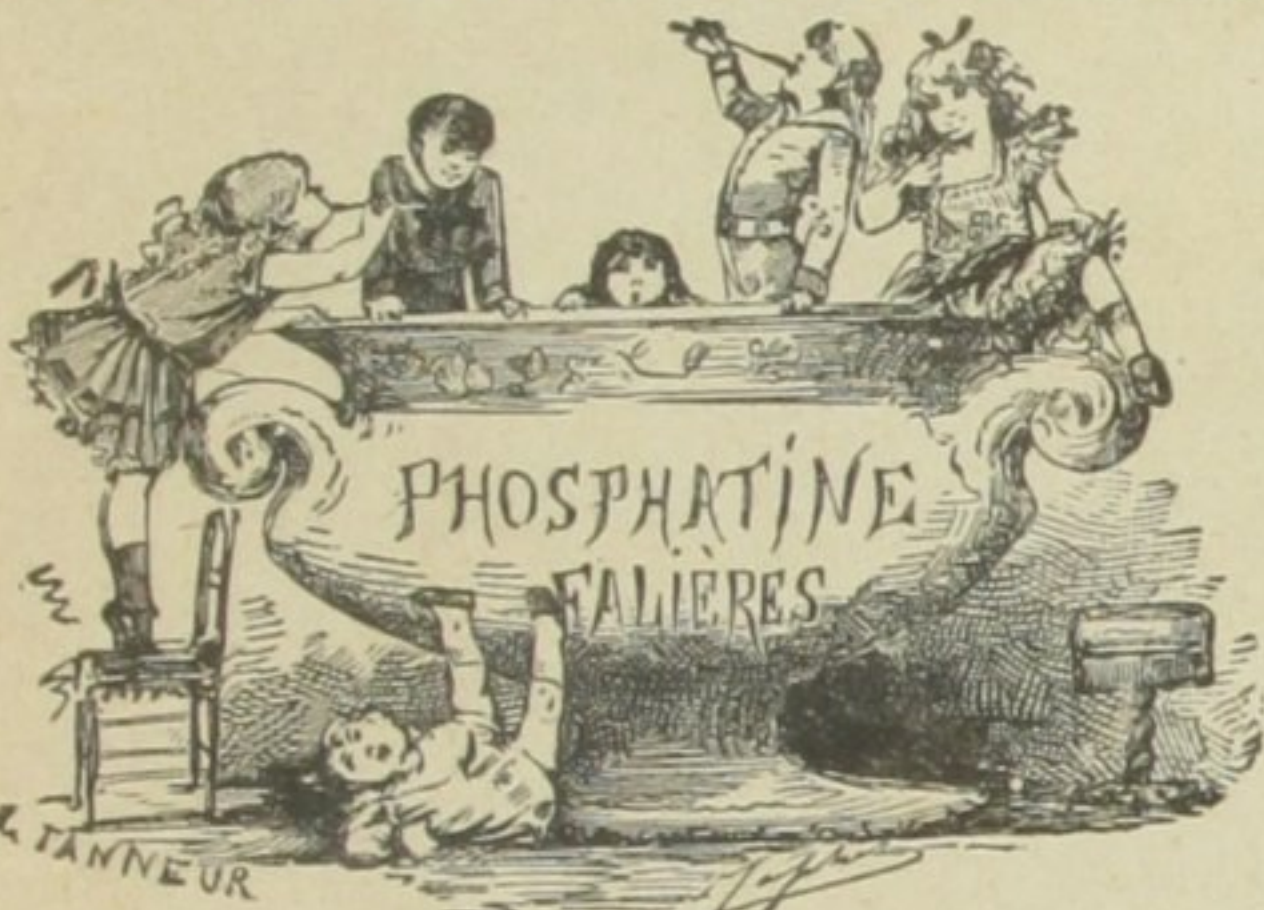
O AUTOR. — Poder-se-hia começar por elephantes.

O DIRECTOR. — E' velho! Os parisienses estão fartos de elephantes.

O AUTOR. — E kangurús?

O DIRECTOR. — Poderiam pular para a orchestra.

**VINHO DE CHASSAING**  
BI-DIGESTIVO  
Recetado ha 30 annos  
CONTRA AS AFFECÇÕES DAS VIAS DIGESTIVAS  
Paris, Avenue Victoria nº 6.



A "PHOSPHATINA FALIÉRES" é o mais saboroso e o mais recommendado alimento para crianças desde a idade de 6 a 7 mezes, principalmente quando começam a ser desmammadas e no periodo de crescimento. Facilita a dentição e concorre para boa formação dos ossos.  
PARIZ, AVENUE VICTORIA Nº 6 E NAS PHARMACIAS

**PRISÃO DE VENTRE**  
é curada com o verdadeiro  
**Pó Laxativo de Vichy**  
do D<sup>r</sup> SOULIGOUX  
Laxante certo, agradável ao paladar, facil de se tomar  
O vidro de cerca de 25 doses: 2 fr. 50  
PARIZ, AVENUE VICTORIA, 6 E NAS PHARMACIAS.

METHODO INFALLIVEL  
**DE MOCIDADE E DE BELLEZA**  
perpetuas, creada pela  
PARFUMERIE EXOTIQUE, 35, Rue du 4 Septembre, à Paris  
com o auxilio do succo benefico das flores e das plantas que entram na composição de seu cosmetico.  
Citamos entre outros:  
**L'Eau et la Creme** que parecem ter vindo entre nós sobre a aza perfumada do zephiro  
**Brise Exotique** para apagar a ruga, o tisme, as sardas, purificando, amaciando e clareando a pelle.  
**La Fleur de Pêche** suave pó de arroz que dá á epiderme uma alvura transparente rosada que idealisa o semblante.  
**à Pate des Prelats** que vos faz essas mãos de marquezia que os abbades galanteadores do seculo passado declaravam serem simplesmente adoraveis;  
**La Poudre des Prelats** completa a obra da pasta dando á mão alvura transparente veuada de azul e  
**Le Savon des Prelats** preparado com principios iguaes aos da pasta, lustra-a, refresca-a e purifica-a; a sua espuma unctuosa comunica-lhe delicioso perfume ao penetrar nos poros.  
Cumprê exigir o nome e a direcção da  
PARFUMERIE EXOTIQUE, 35, Rue du 4 Septembre, à Paris  
sobre todos os productos, para certificar-se de que sao verdadeiros.

**NINON DE LENGLOS**  
escarnecia da ruga, que jamais ousou macular-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos e conservava-se joven e bella, abrindo sempre os pedaços da sua certidão de baptismo que rasgava a cara do Tempo, cuja foice embotava-se sobre sua encantadora physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. «Muito verde ainda!» via-se obrigado a dizer o velho rabugento, como á raposa de Lafontaine dizia das uvas. Este segredo, que a celebre e egoista facieira jamais confiara a quem quer que fosse das pessoas d'aquella época, descobrio-o o Dr. Leconte entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, de Bussy-Rabutin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON, MAISON LECONTE, Rue du 4 Septembre, 51 à PARIS.**  
Esta casa tem-no á disposição das nossas elegantes, sob o nome de **VERITABLE EAU DE NINON**, assim como as receitas que d'ella provêm, por exemplo, o  
**DUVET DE NINON**  
pó de arroz especial e refrigerante;  
**Le Savon Crème de Ninon**  
especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.  
**LAIT DE NINON**  
que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombros.  
Entre os productos conhecidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** contam-se:  
**LA POUDERE CAPILLIS**  
que faz voltar os cabellos brancos á cor natural e existe em 12 cores;  
**SEVE SOURCILIERE**  
que augmenta, engrossa e brune as pestanas e os supercilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar.  
**LA PATE ET LA POUDERE MANODERM & LE DE NINON**  
para finura, alvura brilhante das mãos, etc., etc.  
Conve n exigir e verificar o nome da casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as imitações e falsificações

Em Casa de todos os  
Perfumistas e  
Cabelleireiros de  
França e do  
extrangeiro

**VELOUTINE**  
PÓ DE FLOR DE ARROZ especial  
PREPARADO COM BISMUTHO por  
**CH. FAY**  
Perfumista  
9, Rue de la Paix, 9  
PARIS

EXPOSITION Médaille d'Or UNIV<sup>lle</sup> 1878  
MEMBRO do JURY — FORA de CONCURSO  
EXPOSITION UNIVERSELLE 1889

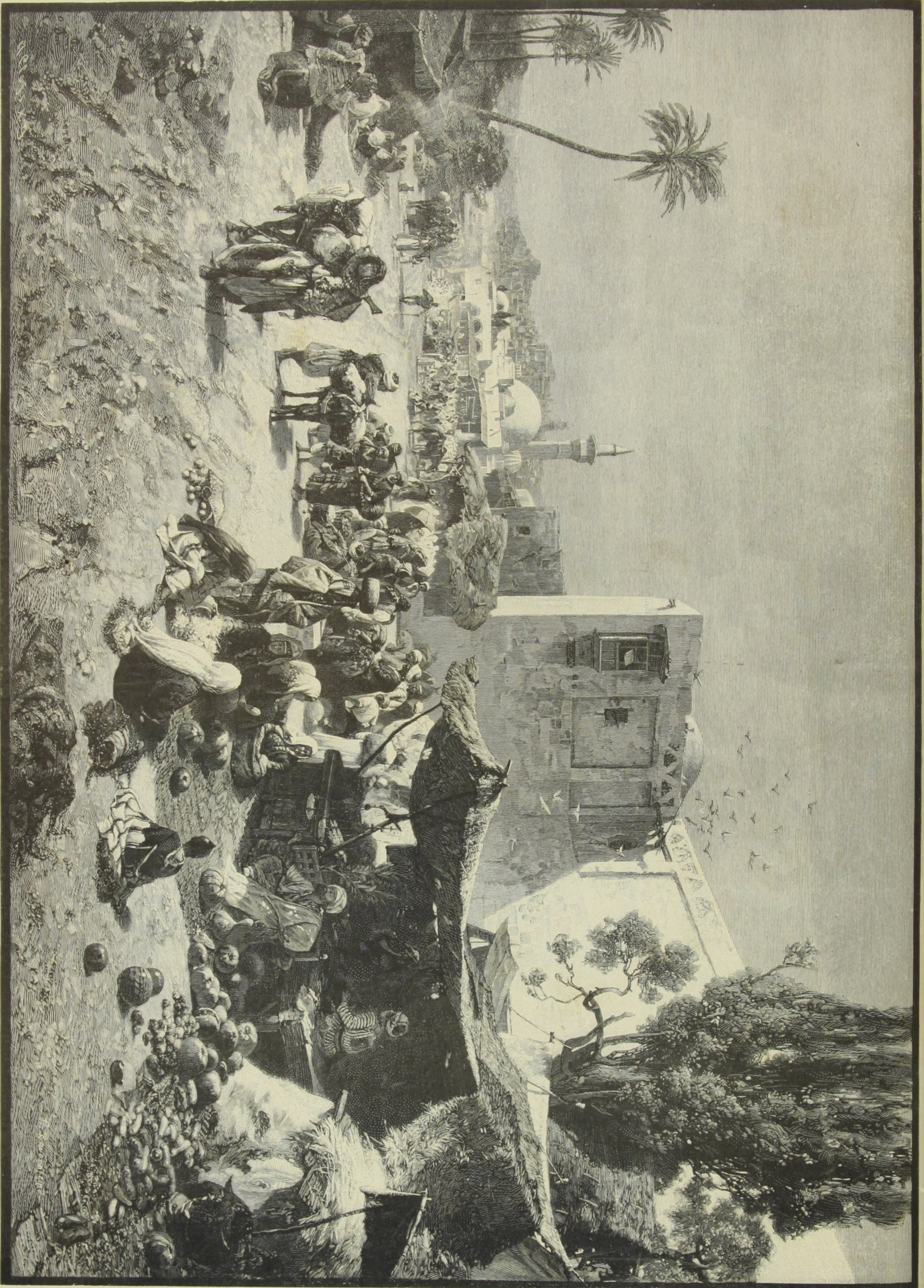
**BOUQUET CHOISI**  
Novo Perfume para o Lenço  
DE  
**E. COUDRAY**  
Artigos Recommendados:  
**PERFUMARIA de LACTEINA**  
Recommendada pelas Celebridades Medicas.  
PÓS de ARROZ varios.  
AGUA DIVINA, dita Agua de Saude  
ESTES ARTIGOS ACHAM-SE NA FABRICA  
PARIS - 13, Rue d'Enghien, 13 - PARIS  
Depositos em todas as Perfumarias, Pharmacias e Cabelleireiros da America.

**M<sup>mes</sup> DE VERTUS Sœurs**  
de PARIS  
12, Rue Auber, 12

desejando pôr termo á contrefacção detestavel, tanto pela forma como pelos aviamentos empregados, tem a honra de prevenir a sua clientela que os "Verdadeiros espartilhos" sahindo realmente da Casa de **VERTUS Sœurs**, levarão a datar de 1892, uma medalha presa do espartilho por uma fita vermelha tendo impressa a *Marca da Casa*.

Esta marca é depositada em França e no Brazil e toda a contrefacção será perseguida conforme á lei.





MERCADO EM JAFFA



AUTOR. — Que diz dos macacos?

DIRECTOR. — E a critica?

AUTOR. — Que acha de tres ou quatro monos?

DIRECTOR. — Eu vou estudar a questão; quanto a meu caro mestre, modifique a sua obra neste ido. E' preciso que ella participe ao mesmo po do genero vaudeville, mas sem abusar d'elle; drama militar, sem que se note muito isso; da tomima, com a condição de não ser unicamente

pantomima, da magica para dar motivo ás decorações deslumbrantes e vestuarios esplendidos, do café-concerto, por causa de Yvette Guilbert, e deixe depois de tudo isso lugar para os animaes.

Deste modo o publico, tendo sob os olhos todos os generos de espectáculo ficará com certeza satisfeito. Póde arranjar-me o que lhe peço, de hoje para amanhã?

O AUTOR. — Nada mais simples.

## SCENA SEGUNDA

OS MESMOS, E UM ARTISTA

O ARTISTA. — Então, meu caro autor, o meu papel?

O AUTOR. — Será soberbo.

O ARTISTA. — E' spero que me tenha preparado uma declaração de amor. Sabe como eu sou nas declarações.



O VELHO SOLDADO

AUTOR. — Ha duas!

ARTISTA. — Duas! .. é de mais. Tenho horror de r duas declarações de amor. Isso me esalfa.

AUTOR. — Supprimirei uma.

ARTISTA. — Creio que não se esqueceu do meu ologo. Tenho o costume de recitar sempre um ologo, ao começar, como o senhor não ignora.

AUTOR. — Ha um.

O ARTISTA. — Uma scena sentimental no segundo acto.

O AUTOR. — Não me esqueci.

O ARTISTA. — E uma scena comica no terceiro.

O AUTOR. — Naturalmente.

O ARTISTA. — Aprendi o bicyclo durante as férias e não estou pratico em declamar correndo. Será preciso arranjar-me uma scena em que eu diga galanterias a uma dama montado em um bicyclo.

O AUTOR. — Será o clou da peça.

O ARTISTA. — Terei egulmente uma pantomima, creio?

O AUTOR. — Não ha duvida.

O ARTISTA. — Ha outros papeis de homem na peça?

O AUTOR. — Uma duzia.

O ARTISTA. — E' muito, meu amigo. Será preciso reduzir a tres ou quatro e papeis de uma dezena de